

Entre o diálogo e o pseudodiálogo: os pressupostos freirianos e suas interfaces com o currículo de Biologia na EJA

Between real dialogue and pseudo-dialogue: Freire's assumptions and their interfaces with the Biology curriculum at EJA

Renato Antônio Ribeiro
Universidade Federal de Goiás
rhenato@gmail.com

Simone Sendin Moreira Guimarães
Universidade Federal de Goiás
sisendin@ufg.br

Resumo

A presente pesquisa constitui-se de um recorte de uma tese de doutorado em andamento. São apresentados resultados preliminares da parte empírica da pesquisa que se deu em instituições que oferecem prioritariamente a EJA no estado de Goiás, os CEJAs (Centro de Educação para Jovens e Adultos). Objetivamos discutir como o *diálogo* se manifesta no discurso docente e na prática de construção curricular de biologia na EJA a partir da investigação do discurso dos professores de biologia dos CEJAs, caracterizando ora um *diálogo*, ora um *diálogo* inautêntico, um *pseudodiálogo*. Os resultados preliminares apontam que o processo de curricularização de biologia na EJA no estado de Goiás engendra-se entre a utilização do *diálogo* autêntico freiriano, que é crítico, democrático, busca a transformação e acredita nos homens, e o *pseudodiálogo*, que é *mudo*, descrente, alienado e acrítico. É preciso buscar o *diálogo* verdadeiro na construção curricular de biologia na EJA.

Palavras chave: Diálogo, Pseudodiálogo, Currículo de Biologia, EJA, Paulo Freire.

Abstract

The present research consists of an excerpt from a doctoral thesis in progress. Preliminary results of the empirical part of the research that took place in institutions that give priority to EJA in the state of Goiás, the CEJAs (Center for Education for Youth and Adults), are presented. We aim to discuss how the dialogue is manifested in the teaching discourse and in the practice of curricular construction of biology in the EJA from the investigation of the discourse of the biology professors of the CEJAs, characterizing sometimes a dialogue, sometimes an inauthentic dialogue, a pseudodialogue. The preliminary results show that the biology curricularization process in EJA in the state of Goiás is engendered between the use of authentic Freirian dialogue, which is critical, democratic, seeks transformation and believes

in men, and the pseudo-dialogue, which is mute, unbelieving, alienated and uncritical. It is necessary to seek true dialogue in the curricular construction of biology at EJA.

Key words: Dialogue, Pseudodialogue, Biology Curriculum, EJA, Paulo Freire.

Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), modalidade da educação básica institucionalizada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Nº 9394/1996), é destinada a adolescentes, jovens, adultos e idosos que em seu percurso de vida não puderam concluir sua escolarização na idade esperada. Atualmente, em nosso país, a EJA insere-se num contexto de desmonte e retrocesso, direcionado à invisibilidade no cenário político instalado, com fortes consequências para a conquista do direito à educação da classe trabalhadora, fruto de duras lutas ao longo da trajetória histórica da modalidade.

Esta configuração supramencionada, alinhada ao viés neoliberal, contribui significativamente para a onda neoconservadora que se instala globalmente na atualidade. Neste cenário, o novo governo¹ eleito democraticamente promete expurgar a educação brasileira da ideologia de Paulo Freire, pois, segundo tal lógica, não se pode ideologizar nem permitir viés político na formação instituída pela educação escolar. Logo, o neoconservadorismo instaurado não abre espaço para a lucidez da classe trabalhadora e a formação de sua consciência crítica, inclusive via educação. A educação libertadora, conscientizadora, dialógica, emancipadora e transformadora proposta por Paulo Freire não é considerada sob as políticas públicas educacionais que se desenham e se instauram.

Mas Freire (2000, p. 61) convoca-nos para resistir e lutar: “não importa em que sociedade estejamos e a que sociedade pertencamos, urge lutar com esperança e denodo”. Este ato de coragem e luta demanda assegurar que os sujeitos educandos inseridos na EJA constituam uma classe trabalhadora munida dos conhecimentos científicos acumulados historicamente pelo homem, especificamente os conteúdos biológicos, tendo por base um currículo liberto e construído na coletividade e no *diálogo*. Espera-se, assim, que este acesso contribua com o incremento de tais conhecimentos e levem a uma transformação da sociedade que os oprime. Tomamos Paulo Freire como um referencial teórico-epistemológico-metodológico legítimo e como um elemento de resistência frente às tentativas de enfraquecimento da modalidade EJA e a conseqüente desvalorização da escolarização da classe trabalhadora.

As primeiras reflexões aqui apresentadas constituem-se de um recorte de uma tese de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal de Goiás, que ao considerar os pressupostos freirianos, objetiva identificar os sujeitos envolvidos na construção do currículo de biologia na EJA oferecida na rede estadual de educação do estado de Goiás, apontando o *diálogo* que se estabelece neste processo. No presente recorte, apresentamos resultados preliminares da parte empírica da pesquisa que se deu em instituições que oferecem prioritariamente a EJA no estado de Goiás, os CEJAs. Para este recorte, objetivamos discutir como o *diálogo* se manifesta na construção curricular de biologia na EJA a partir da investigação do discurso dos professores de biologia dos CEJAs do estado de Goiás.

¹ Governo de Jair Bolsonaro, com início em 2019 e término previsto para 2022.

Metodologia

Tendo Paulo Freire como um referencial teórico-epistemológico-metodológico, a presente pesquisa se inicia com o movimento de revisão bibliográfica de sua obra, em especial a ideia de *diálogo* do autor. Posteriormente esse movimento de pesquisa parte para uma fase empírica (entrevista com professores de biologia) nos sete CEJAs do estado de Goiás que oferecem prioritariamente a EJA. São duas instituições em Goiânia, uma em Anápolis, uma em Catalão, uma em Caldas Novas, uma em Iporá e uma em Aragarças.

Nestas instituições foram realizadas entrevistas semiestruturadas com doze professores de biologia. A Secretaria de Estado da Educação do estado de Goiás (SEDUC) via Superintendência de Modalidades e Temáticas Especiais e Gerência de Educação de Jovens e Adultos deu anuência à pesquisa e forneceu a listagem dos CEJAs em funcionamento no estado, bem como contatos telefônicos dos(as) gestores(as) das instituições. Estes foram contatados e indicaram os professores de biologia aptos a participarem da pesquisa.

Os professores foram contatados via mensagem de texto/áudio pelo aplicativo *Whatsapp*® e as entrevistas foram agendadas e realizadas pela plataforma *Google Meet*® em virtude da situação de Pandemia de COVID-19 a partir de 2020 no país, o que impediu a realização das entrevistas na forma presencial. Os participantes da pesquisa foram informados das questões éticas, tendo dado seu consentimento no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas focaram questões que discutem concepções de EJA; concepções de currículo e suas relações com a construção curricular de biologia na EJA; a participação dos sujeitos da EJA na curricularização e sua materialização nos processos de ensino-aprendizagem. Neste recorte de pesquisa, apresentaremos apenas os resultados prévios em relação à concepção de *diálogo/educação dialógica* dos professores, a importância do *diálogo* no processo de construção curricular de Biologia na EJA e os sujeitos participantes desta construção segundo o discurso dos professores.

Resultados e Discussão

Paulo Freire traz o conceito de *diálogo* ao longo de toda sua obra e aprofunda, ao longo do tempo, sua caracterização, suas condições de ocorrência e sua importância no processo de humanização e formação humana. Em *Educação como prática da liberdade* (1967) o autor considera que “a dialogação implica a responsabilidade social e política do homem” e afirma que historicamente, no Brasil “entre nós, pelo contrário, o que predominou foi o mutismo do homem. Foi a sua não participação na solução dos problemas comuns” (FREIRE, 2020a, p. 95). E nesta mesma obra caracteriza o diálogo como um método ativo de participação dos sujeitos educandos, em condição de horizontalidade com os professores, enfatizando que “só o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação” (FREIRE, 2020a, p.141).

Em *Pedagogia do Oprimido* (1968) o autor aponta o *diálogo* como um fenômeno humano se constituindo como a própria *palavra* e enfatiza que “não há palavra verdadeira que não seja práxis [ação-reflexão]. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo” (FREIRE, 2020b, p. 95). Ele ainda reforça as características e condições do diálogo verdadeiro: amor *ao* e fé *nos* homens, humildade, esperança e um pensar verdadeiro e crítico. Fora dessas condições, o *diálogo* é impossibilitado e o homem deixa de *existir*: “a existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir,

humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo” (FREIRE, 2020b, p. 108). Se esta natureza do *diálogo* é descaracterizada, temos um *diálogo* inautêntico, um *pseudodiálogo* que para Freire (2020b) é uma palavra oca, um verbalismo descompromissado e alienante que não promove a denúncia do mundo e de sua realidade. Ao considerar o *diálogo* como uma condição e/ou necessidade existencial do homem, ele demarca que “dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais” (FREIRE, 2020b, p. 109).

Em *Conscientização* (1980) Paulo Freire pondera que:

“Se é por meio da palavra, ao nomear o mundo, que os homens o transformam, o diálogo se impõe como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado de serem homens. [...] não pode se limitar ao fato de uma pessoa ‘depositar’ ideias em outra, como também não pode se tornar uma simples troca de ideias, que seriam consumidas por aqueles que estão conversando” (FREIRE, 2016, 135-136).

Vai se descortinando, portanto, o *diálogo* verdadeiro, que ultrapassa as condições de conversa pura e simples, trocar ideias, ouvir opiniões. Frisemos que ouvir é diferente de escutar; ouvimos por uma condição biológica que nos permite a audição: é mecânico, inato. Escutar denota mais do que a simples função auditiva, sendo necessário refletir, interiorizar, interpretar, perceber e compreender a palavra do outro. Assim, numa educação que tem por base o *diálogo* e a liberdade, a “libertação será aquilo que deve ser: não uma pseudoparticipação, mas uma ação engajada” (FREIRE, 2016, 142).

O currículo e por consequência os conteúdos escolares, segundo Paulo Freire, devem ser buscados a partir desse mencionado diálogo, junto aos sujeitos educandos. Na obra *Medo e Ousadia* (1986) o autor destaca essa necessidade:

Desde o início, eu estava convencido de que deveria dialogar com os estudantes. Se você me perguntasse se eu tinha uma noção sistemática do que significava o diálogo, eu lhe diria que não. Não construíra nenhuma epistemologia para planejar o que ensinar. Eu tinha intuição. Achava que deveria começar falando com eles. Isto é, não apenas lhes dar aulas, explicar-lhes coisas, mas, ao contrário, provocá-los criticamente a respeito do que eu próprio dizia (FREIRE; SHOR, 1987, p. 39-40).

A partir do *diálogo com* os sujeitos educandos é possível mapear o que já sabem, mas Paulo Freire sempre reforça que isso é ponto de partida, sendo necessária e fundamental sua superação para que os sujeitos possam *ser mais*. Em *Pedagogia da Esperança* (1992) reencontrando-se com sua própria *pedagogia*, afirma que “o educador ou a educadora [...] ainda quando, às vezes, tenha de falar ao povo, deve ir transformando o *ao* em *com* o povo. E isso implica o respeito ao ‘saber de experiência feito’ de que sempre falo, somente a partir do qual é possível superá-lo” (FREIRE, 2011, p. 38-39).

De acordo com a caracterização do *diálogo* em Paulo Freire e sua necessidade para o processo de humanização do homem, passemos a analisar, no discurso de professores de biologia na EJA entrevistados, de que forma este *diálogo* (ou o *pseudodiálogo*) se manifesta, ou seja, qual a concepção possuem de *diálogo/educação dialógica*. Reforçamos que o movimento da pesquisa está em suas análises prévias. Assim, dos doze professores entrevistados, foram selecionadas algumas respostas que demarcam enfaticamente traços característicos do *diálogo* e do *pseudodiálogo* com a pergunta: “Para você o que é uma educação baseada no *diálogo*?” Os professores estão identificados pelos códigos P01 a P12.

P01: “**ouvir** as pessoas, seja em qualquer situação, é sempre positivo. [...] de **trocar ideias**, de **trazer assuntos pertinentes daquela realidade**. [...] Não existe a **construção do conhecimento** sem diálogo. ninguém é dono de toda a verdade né?”.

P02: “isso faz parte, eu não digo nem faz parte, eu digo que isso é o **alicerce do aprendizado** do aluno, eu conseguir quebrar essa barreira”.

P03: “quando a gente aproveita aquela **vivência que o aluno já traz**. [...] A gente aproveitar o que trazem para construir esse conhecimento de significado para eles”.

P04: “considerando os diferentes **pontos de vistas**, [...] a gente **ouvir** o estudante, a gente permitir que ele **opine**, a gente acatar realmente algumas **sugestões** que eles derem”.

P08: “eu acredito que seja falar e **escutar**. [...] Tecnicamente uma coisa bem simples de falar, mas eu acredito que colocar em prática esse diálogo é muito mais complicado”.

P10: “**conversar** é muito importante. [...] não é só eu falando, falando, falando, o outro só **ouvindo**, ou nem ouvindo, ou fazendo de conta que está ouvindo”.

P12: “acho que é o poder do **convencimento**”.

Segundo o discurso dos professores, verifica-se uma compreensão muito limitada e reducionista do *diálogo* que pouco encontra suporte no *diálogo* caracterizado na pedagogia freiriana. Caracterizamos aqui este *diálogo* como um *pseudodiálogo*. Este *pseudodiálogo* muitas vezes está limitado a ouvir, opinar, dar sugestões, trocar ideias, conversar, emitir pontos de vista e se expressar. Ouvir e quase nunca escutar! Já demarcamos essa diferença anteriormente. Logo, mediada por este tipo de *diálogo*, nossa educação não é capaz de promover mudanças, pois “ela é verbosa. Palavresca. ‘É sonora’. É ‘assistencializadora’. Não comunica. Faz comunicados, coisas diferentes” (FREIRE, 2020a, p.123). Se este *diálogo* não pronuncia o mundo a fim de transformá-lo, continuamos numa relação educacional entre educador-educandos que são fundamentalmente narradoras e dissertadoras (FREIRE, 2020b). Verifica-se, portanto, traços de *diálogo* e *pseudodiálogo* concomitantes no discurso dos professores.

Importante demarcar na fala de P12 o *diálogo* como “poder de convencimento”. Mas Freire (2020b, p. 75) delimita os fins de tal convencimento, que não pode desconsiderar a libertação e a transformação desse sujeito, humanizando-o:

Assim também é necessário que os oprimidos, que não se engajam na luta sem estar convencidos e, se não se engajam, retiram as condições para ela, cheguem, como sujeitos, e não como objetos, a este convencimento. É preciso que também se insiram criticamente na situação em que se encontram e de que se acham marcados.

Cabe também considerar que os professores admitem *dialogar* com os educandos para conhecer seus “saberes de experiência feito” (P01 e P03), explorar sua realidade concreta e utilizá-la no processo de ensino-aprendizagem a fim de que se torne significativo. Neste sentido, ao “respeitar os educandos” Freire (2020b, p.103) destaca que “o movimento parte das relações homens-mundo. Daí que este ponto de partida esteja sempre nos homens no seu *aqui* e no seu *agora* que constituem a situação em que se encontram ora imersos, ora emersos, ora insertados. O autor ainda argumenta:

Se sou professor de biologia, não posso me alongar em considerações outras, que devo *apenas* ensinar biologia, como se o fenômeno vital pudesse ser compreendido fora da trama histórico-social, cultural e política. Como se a vida, a pura vida, pudesse ser vivida de maneira igual em todas as suas dimensões na favela, no cortiço ou numa zona feliz dos “Jardins” de São Paulo. Se sou professor de biologia, obviamente, devo ensinar biologia, mas, ao fazê-lo, não posso seccioná-la daquela trama (FREIRE, 2011, p. 109).

É necessário ponderar que alguns professores (P01 e P02) enxergam no *diálogo* a condição própria do ato de conhecer. Não há conhecimento ou aprendizado sem diálogo. O conhecimento se alicerça nas condições de *diálogo*. Logo, se o *diálogo* não existe:

Não pode haver conhecimento pois os educandos não são chamados a conhecer, mas a memorizar o conteúdo narrado pelo educador. Não realizam nenhum ato cognoscitivo, uma vez que o objeto que deveria ser posto como incidência de seu ato cognoscente é posse do educador e não mediatizador da reflexão crítica de ambos (FREIRE, 2020b, p. 96).

Como uma das condições elementares do *diálogo* autêntico, Paulo Freire reforça ao longo de toda sua obra a necessidade de ter fé nos homens: “a fé nos homens é um dado *a priori* do diálogo [...] Não há também diálogo se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens” (FREIRE, 2020b, p. 112). Assim, é preciso acreditar no outro! Na relação educador-educando deve-se partir do princípio que o sujeito educando *sabe, pode e deve* participar da busca pelo conhecimento. Nas entrevistas realizadas com os professores de biologia nos CEJAs, foi perguntado: “*Quem poderia e/ou deveria participar da construção do currículo na EJA?*” Selecionamos algumas respostas:

P01: “*deveria ser o mais democrático possível. [...] os alunos nunca são ouvidos, às vezes a gente traz as mudanças de cima para baixo, não escuta o professor, o professor não tem voz*”.

P02: “*com relação ao currículo já não seria um diálogo com os alunos né, já seria um diálogo entre nós professores, certo?![...] os alunos, se eles pudessem, alguns alunos pelo menos, que fossem num momento breve. [...] Poderiam participar? Até poderiam! Não seria todos os alunos mas poderia sim colher uma opinião ou outra*”.

P05: “*bom quem entra seriam os professores da área, né e seria interessante ter um representante dos alunos, mas isso é meio complicado, porque eu acho que isso os colegas sempre falam, mas eu acredito que não funciona*”.

P07: “*eu acho que começaria com aluno, ele apontando ali o que que ele quer, o quê que ele precisa conhecer*”.

P11: “*[...] nós precisamos dos profissionais da educação, lógico! Da coordenação, da direção, principalmente dos professores. Mas também eu acho que a gente teria representantes de alunos, seria muito importante porque eles também poderiam contribuir; alunos é claro que teriam que ser selecionados*”.

Observa-se predominantemente uma grande descrença no sujeito educando: os professores consideram pouco válida e/ou desmerecem a participação dos educandos na curricularização. Confiam mais em sua própria capacidade intelectual, por terem domínio de área. Freire alerta: “sem esta fé nos homens o diálogo é uma farsa. Transforma-se, na melhor das hipóteses, em manipulação adocicadamente paternalista” (FREIRE, 2020b, p. 113). Mas Freire considera, de fato, que a educação dialógica é *rigorosa*, embora por em prática o rigor criativo do *diálogo* não seja tarefa fácil (FREIRE; SHOR, 1987). E Freire (2020a) justifica tal dificuldade

pela própria *inexperiência democrática* brasileira: “o Brasil nasceu e cresceu sem experiência de diálogo” (FREIRE, 2020a, p. 90). Assim, somos uma sociedade em transição buscando a conscientização crítica do homem, na qual o *diálogo* verdadeiro e democrático tem papel fundamental (FREIRE, 2020a). Consequentemente, não podemos “condenar” os professores e exigir que pratiquem o *diálogo* verdadeiro se não fomos formados para isso. Mas é necessária a coerência na atuação docente:

Uma experiência dialógica que não se baseia na seriedade e na competência é muito pior do que uma experiência “bancária”, onde o professor simplesmente transfere conhecimento. [...] um professor dialógico que é incompetente e que não é sério provoca consequências muito piores do que um educador “bancário” sério e bem-informado (FREIRE; SHOR, 1987, p.101).

Mas o diálogo é o caminho: é preciso caminhar e *esperançarmos* na busca por um *diálogo* verdadeiro que de fato considere e convoque os sujeitos educandos a participarem ativamente do ato de conhecer: é preciso superar o *pseudodiálogo* e a condição de *mutismo* da sociedade: “As sociedades a que se nega o diálogo [...] se fazem preponderantemente ‘mudas’. O mutismo não é propriamente inexistência de resposta. É resposta a que falta teor marcadamente crítico” (FREIRE, 2020a, p. 93-94).

Considerações Finais

O processo de curricularização de biologia na EJA no estado de Goiás engendra-se entre a utilização do *diálogo* freiriano autêntico, que é crítico, democrático, busca a transformação e acredita nos homens, e o *pseudodiálogo*, que é *mudo*, descrente, alienado e acrítico. Há traços concomitantes dos dois tipos de diálogo no discurso dos professores entrevistados. Em nossa sociedade democraticamente inexperiente é preciso buscar o *diálogo* autêntico na construção curricular de biologia, a fim de que se garanta o processo de humanização e a busca pelo *ser mais* dos sujeitos educandos da EJA.

Referências

- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020a.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**. 1. ed. São Paulo, Editora Unesp, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 73. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020b.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.